

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

SAUSSURE: A SEMIOLOGIA E O LÉXICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Lucas do Nascimento (UFSCar / UNESP)
lnascimento165@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Era uma vez um menino triste, magro e barrigudinho, do sertão de Pernambuco. Na soalheira danada de meio-dia, ele estava sentado na poeira do caminho, imaginando bobagem, quando passou um gordo vigário a cavalo:

- **Você aí, menino, para onde vai essa estrada?**
- **Ela não vai não: nós é que vamos nela.**
- **Engraçadinho duma figa! Como você se chama?**
- **Eu não me chamo não, os outros é que me chamam de Zé.**

(Paulo Mendes Campos, 1976, p. 53)

As palavras e as frases, primeiramente, as letras, desde muito tempo aguçaram a curiosidade do homem. No entanto, não a iniciou com o homem moderno, pelo contrário, já desde antes de Cristo, por volta do século VIII, à tentativa de um saber linguístico cercava a humanidade. Esse saber para representar a memória religiosa, artística e cultural do povo.

Já nos séculos XX e XXI d. C., muitos mistérios da linguagem desenvolvidos e outra tentativa: dominar os sentidos das palavras. Nasce daí, portanto, os estudos do léxico, no Brasil, tendo relevância para diversas ciências como as Humanas, as Sociais, as Políticas. Nesse cenário destacam-se, por exemplo, a psicanálise, a história, a linguística de *corpus* etc.

Conforme Auroux (*apud* NUNES, 2006), o mais antigo saber linguístico são as listas de palavras, datadas do terceiro milênio antes de Cristo. Para Nunes (2006, p. 149), a partir daí historicamente duas tendências foram constituídas: “o estudo das unidades lexicais, que

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

aponta para a lexicologia”, e a confecção de glossários e dicionários, à lexicografia.

Nesse contexto, meu objetivo neste trabalho é focalizar a lexicologia na gramática e, a partir daí, então, pensar sua categorização e, conseqüentemente, o seu ensino na aula de língua portuguesa nas escolas brasileiras. Detenho-me em observar a capacidade do homem de produzir linguagem e o seu domínio de uma língua particular, bem como a situação em uso da linguagem, em diferentes situações e contextos. Além de observar, proponho refletir sobre o processo de construção e constituição discursiva nos textos, ora pela palavra, pelo enunciado, ora por outro material semiológico.

1. Um início: Ferdinand de Saussure

Em vertente neolatina da cultura europeia surge o termo semiologia, originado pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure, vivido entre 1857 a 1913. Proveniente de uma família francesa que contava com cientistas - geólogos, naturalistas e gramáticos -, em Genebra, deu início aos estudos de química e física logo abandonados para que pudesse dedicar seu tempo aos estudos da linguagem. Em Paris, lhe ofertaram a cátedra de Gramática Comparada, que manteve entre os anos de 1906 e 1911. Daí, alguns anos depois, resultou em o *Cours de Linguistique Générale (Curso de Linguística Geral*, tradução brasileira), marco do reconhecimento científico da área, graças a seus trabalhos em três cursos de linguística ministrados na Universidade de Genebra. O primeiro ministrado de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907; o segundo, da primeira semana de novembro de 1908 a 24 de julho de 1909; o terceiro, de 28 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911.

A obra escrita e publicada postumamente em 1916 por Bally e Sechehaye, com a colaboração de um terceiro, Riedlinger, baseado em anotações que eles e outros sete alunos fizeram em sala de aula das exposições orais do mestre, é referência da revolução teórica dos estudos linguísticos e marca fundadora das ciências humanas do século XX.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Nesse famoso *Curso*, Saussure convida a todos para refletir o “lugar da língua nos fatos humanos”, para posterior pensar o berço e o nascedouro da semiologia.

Dando mais foco à língua, *língua* versus *fala* (discurso), a dicotomia basilar da linguística saussuriana, fundamenta-se na oposição social/individual, extraída da Sociologia: a língua é da esfera social, ao passo que a fala é da esfera individual. Ele diz que “a língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” (CLG, p. 92). Então, a *língua* é, simultaneamente: a) um acervo linguístico; b) uma instituição social; e c) uma realidade sistêmica e funcional.

Em 1996, num anexo da residência de Saussure, em Genebra, foram descobertos textos de sua própria autoria que deveriam compor um livro sobre linguística geral. Tais textos encontram-se depositados na *Biblioteca Pública e Universitária de Genebra* e publicados nos *Escritos de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure*, organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, editora Cultrix.

Dessa forma, os principais aspectos do signo saussuriano estão a partir das colocações no CLG e dos ELG. Apesar de considerar o fato de o primeiro livro ter vindo à tona desde o início do século passado e definido os fundamentos da “linguística saussuriana” até o presente momento, tomaremos também as considerações do livro atual, elucidando de forma mais profunda os seus pensamentos a cerca da linguística e seu objeto. Diante disso, no cenário da linguística devemos ter no tocante do pensamento saussuriano, no que diz respeito à linguagem, o *Curso de Linguística Geral*, os *Escritos de Linguística Geral* e seus *Ensaio sobre Fonética do Indo Europeu*. Espera-se, a partir de tal abordagem, que possamos repensar os elementos que auxiliem na compreensão dos fundamentos linguísticos e da genialidade do mestre de Genebra.

Antes de tudo, é importante compreender que considerou Saussure o signo como uma *entidade dicotômica e psicológica*. Dicotômica por dividir-se em duas faces; significado e significante. Psicológica por unir essas duas faces mentalmente. O termo *dicotômico* advém do grego *dichotomía* que significa ‘divisão em duas partes’, o que desfaz as concepções anteriores para as quais o signo era

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

“diático” ou “triádico”. O signo, a partir de Saussure, deixou de ser uma soma de dois ou três termos para se tornar *uma divisão de um único e mesmo termo* em dois.

Quando postulou o signo como uma “entidade puramente psicológica” (CLG, p. 40 e ELG, p. 24 e 117) que “só existe dentro de nossa cabeça” (ELG, p. 117), sendo ele “uma operação de ordem psicológica simples” (ELG, p. 117) e, ainda, que “não é o pensamento quem cria o signo, mas o signo que determina, primordialmente, o pensamento” (ELG, p. 45), o Genebrino rompe com o que havia de vigente e lança novas bases que redefiniram os pensamentos filosóficos e psicológico de seu tempo.

A língua é um sistema de signos que exprime ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas.

Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia* (do grego *sémeion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos (CLG, 2006, 27ª edição, p. 24).

Essa provocação científica fincou muitos teóricos e estudiosos da linguagem quaisquer sejam os lugares. Na Europa, disseminaram trabalhos de Jakobson, Lévi-Strauss, Julia Kristeva, Greimas, Barthes, entre outros, que seguiram semiologias em que se tratasse de sentido, significação, signos. Nos EUA, a vertente moderna da semiologia tomou outro caminho, a semiótica do lógico e filósofo Peirce. Um interesse não só pela lógica, mas também pela linguística em envolvimento com a sintaxe, a semântica e a pragmática.

A língua e outros sistemas de signos que envolvam a significância com a Sociedade e a História já foi pauta em “Structure de la langue et structure de la société”. Autoria de Benveniste, em que diferenças e semelhanças entre a língua e a sociedade são propostas de maneira que uma seja vista como meio de análise da outra, em relação semiológica de interpretante para interpretado. Assim, ainda, a

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

língua contém a sociedade, ao contrário, no entanto, não é por ela contida. O que está no cerne de preocupação do linguista Francês é a investida de propriedades semânticas, em caráter de uma produtividade de sentidos.

Para Benveniste

A língua pode ser vista no interior da sociedade como um sistema produtivo, que produz sentido, graças à sua composição que é inteiramente uma composição de significação e graças ao código que condiciona esse arranjo. Ela também produz indefinidamente enunciação graças a certas regras de transformação e de expansão formais; cria, pois, formas, esquemas de formação; cria objetos linguísticos que são introduzidos no circuito da comunicação. A “comunicação” deveria ser entendida no sentido literal daquilo que é posto em comum e cujo trajeto é circulatório (BENVENISTE, 1970, p. 27).

Então, língua e sociedade estão para produção de sentidos em composto de significação. E a transformação e a expansividade dela dependem de objetos linguísticos em situação de comunicação. Situação entendida como ponto comum para a circulação de sentidos entre objetos não só linguísticos, mas, no geral, semiológicos, uma vez que a semiologia está também num campo de investigação de comportamentos e de formas simbólicas, produtoras de certos sentidos, nunca acabados e definidos, sempre em relação de significar socialmente, de valoração¹.

2. Lexicologia & semiologia: as relações entre léxico, sociedade e história

O interessante da língua é o jogo de oposições e combinações de signos, de letras, de palavras, de frases, de enunciados, de proposições, de discursos, no seu funcionamento, na produção dos sentidos. Diria, sobretudo, que nesse jogo o léxico oposto ou combinado significa em uma ciência dos signos. Não só os grafemas e os fonemas formam a unidade léxica, mas não nos esqueçamos que a imagem compõe uma região que instaura a necessidade de um léxico e

¹ E daí, obviamente, instaura-se a necessidade do *valor*, noção de Saussure no CLG, discutido mais à frente.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

de um campo totalmente gramatical (morfológico, sintático, semântico etc.).

Nesse sentido, a língua contém a sociedade; necessário se faz partir da língua como fato semiológico, porque ela “é necessariamente o instrumento próprio para descrever, conceituar, interpretar tanto a natureza quanto a experiência. Portanto, esse composto de natureza e de experiência se chama sociedade” (BENVENISTE, 1970, p. 24).

Na língua, a lexicologia, como ciência do léxico, caracteriza-se por identificar e descrever as unidades lexicais, tornando-se especulativa. No seu início, tradicionalmente, ela atua em um cenário de identificação das unidades lexicais, em contexto que pode ser fonológico, morfológico, sintático e semântico. Dessa forma, a lexicologia atua com uma ou outra dessas áreas de saber, sendo ciência interdisciplinar.

Pensar o léxico enquanto objeto funcionando na sociedade, nas redes sociais e tecnológicas, é afirmar sua marca na História, uma vez que a linguagem se submete ao funcionamento. Sob sua natureza funcional, seu caráter é histórico. Não diferentemente encontra-se o dicionário, submetido à História pelo saber lexical construído e constituído.

O léxico já foi excluído e visto de várias formas na linguística. Um passeio pela História para percebermos a evolução do entendimento a respeito do tema. Como destaca Lorente (*apud* ISQUERDO & KRIEGER, 2004, p. 24-5):

Nas primeiras formulações da Gramática Gerativa Transformacional, Chomsky (1957) toma emprestada de Bloomfield a visão do léxico como “o saco de irregularidades da língua”. Ridicularizada até a exaustão, esta afirmação deve ser inserida em seu contexto: em seu programa de pesquisa, Bloomfield situa as generalizações por indução na fonologia, na morfologia e na sintaxe e, conseqüentemente, inclui no léxico tudo aquilo que seu modelo não consegue descrever sistematicamente. Seria absurdo pensar que um linguista de seu porte fosse incapaz de detectar regularidades lexicais, que inclusive já haviam sido observadas por autores clássicos como Aristóteles. Chomsky (1957) se mostra coerente ao acolher essa ideia, já que com o seu modelo tenta explicar a aquisição da linguagem e estabelece que, através da gramática interiorizada, os falantes são capazes de gerar expressões corretas. O poder generalizador das regras de estrutura sintagmática e das regras transformacionais de seus primeiros modelos o leva a lançar a hipótese de que o léxico inclui somente informação imprevisível (mínima informação). Deste modo, ca-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

racteriza simplesmente as entradas do componente lexical com traços funcionais e semânticos, para estabelecer as restrições que devem ser impostas às regras de subcategorização sensíveis ao contexto.

A autora lembra que quase vinte anos depois são introduzidos vários sistemas de princípios que dão conta das restrições de projeção das unidades lexicais na sintaxe, assegurando a preservação da informação lexical. Na resposta que Chomsky e outros autores quiseram dar à eclosão da Semântica Gerativa (estudo em que procuraram abandonar a noção de estrutura profunda e que colocaram em dúvida a semântica e a sintaxe como sendo independentes, assimilando o componente de base de natureza semântica a um sistema lógico baseado na teoria de predicados (LORENTE, *idem*, p. 25), com a *hipótese lexicalista* (Cf. CHOMSKY, 1972). Com tal *hipótese*, as nominalizações não se derivam por transformação, mas sim por processos lexicais, e as transformações não devem modificar a categoria das unidades lexicais, dando, assim, a evolução em direção a um léxico mais autônomo e cada vez mais estruturado.

Na história da lexicologia, Rey (*apud* NUNES, 2006), em *La lexicologie*, mostra como os estudos se elaboram durante séculos de muitas controvérsias filosóficas e de atividades práticas. No contexto da Índia, da Grécia e da linguística moderna mundialmente, por exemplo:

Na Índia, o gramático Panini, que estudou a linguagem com objetivos religiosos, desenvolveu uma morfologia, distinguindo a unidade lexical do “morfema”. Do mesmo modo, distinguiu as palavras “simples” das “compostas”, as “verdadeiras” das “ficcionalis” e a “forma” do “conteúdo”. Na Grécia, as palavras são vistas como instrumento para pensar as coisas, de modo que aparecem estudos da significação. Aristóteles considera as palavras como instrumentos conceituais e Platão como reflexo possível do mundo das ideias. Entre os latinos, Cícero situa o estudo das palavras no interior da oratória e da retórica. Na Idade Média se estendem as disputas entre o nominalismo (as palavras estão ligadas a coisas individuais) e o realismo (as palavras estão ligadas a conceitos universais) (NUNES, 2006, p. 151).

Para o autor, a lexicologia como direito à ciência foi questionada em paradigma purista e função imanentista que a linguística moderna passou. Em seu entendimento, isso ocorreu ao mesmo tempo em que “a semântica se mostrava indispensável”. Diante disso, enquanto “puristas” recusavam a lexicologia, “sociólogos, etnólogos, psicólogos, psicanalistas, patologistas tinham interesse pelo léxico”

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

(REY, *apud* NUNES, 2006, p. 151). A lexicologia, portanto, nesse “fogo cruzado” é vertente da/na linguística por suas intimidades com a gramática, especialmente pelas relações entrelaçadas com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica. Sendo assim, essa disciplina destaca-se por sua relevância nas aplicações da linguística.

Lembrando o *Cours de Linguistique Générale*, revivendo escritos de Ferdinand de Saussure, Nunes destaca o aparecimento do léxico juntamente à morfologia e à sintaxe: “interpenetração da morfologia, da sintaxe e da lexicologia se explica pela natureza, no fundo idêntica, de todos os fatos de sincronia. Não pode haver entre eles nenhum limite traçado de antemão” (SAUSSURE, *CLG*, p. 151).

Mesmo Saussure questionando as fronteiras rígidas dos níveis linguísticos, pesquisadores tendem a separar o léxico dos demais níveis em seus trabalhos. Nunes (2006) aponta Borba, por exemplo, em *Introdução aos Estudos Linguísticos* chamar o estudo lexical à teoria dos traços lexicais. Nesse sentido, Nunes (2006, p. 151) faz citação de Borba:

As análises morfológica e sintática esgotam o segundo nível, ou seja, o gramatical. O terceiro nível de análise é o do léxico ou vocabulário que procura determinar como os traços semânticos se combinam para constituir unidades significativas (semântica léxica), e como estas se combinam através de seus traços para constituir a comunicação propriamente dita, que é obrigatoriamente significativa (semântica textual).

Nunes destaca, então, o léxico na teoria dos traços semânticos, estes entendendo a língua como objeto natural. Destaca também trabalhos de Biderman, em *Teoria Linguística*, obra publicada em São Paulo, primeira edição em 1978, pela Martins Fontes Editora, sobre o léxico no aspecto quantitativo da linguagem, em universos infinitos e estruturas finitas, colocando a palavra numa situação de realidade psicológica, variando com o nível de consciência do falante.

A autora referida enfoca também a *língua e o computador* destacando a importância dessa máquina no domínio da Linguística e das Humanidades, pelo *hardware* e o *software*, e a disponibilidade de armazenamento em *hard disks*. Tal tecnologia é demonstrada por estudos para o Processamento da Linguagem Natural (PLN) em uma Linguística de *Corpus*, trabalho, por exemplo, desenvolvido no Centro de Estudos Lexicográficos da Unesp de Araraquara, sobre o Português Brasileiro Contemporâneo, inclusive com participação da au-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

tora. Lembra Nunes (2006) que a consequência dessa tendência é a produção de dicionários de frequências.

Diferentemente, trabalhos de J. Dubois como “Lexicologia e análise de enunciado” [traduzido em *Gestos de leitura: da história no discurso*, Editora da Unicamp] seguem outra dimensão. É visto o léxico no estatuto da enunciação, uma espécie de lexicologia como meio de análise de enunciados em um *corpus*. Já o léxico em diferentes perspectivas teóricas, há publicações relevantes no Brasil em *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*², volumes I, II, III e IV, pela Editora da UFMS e Associação Editorial Humanitas.

Em uma dimensão teórica com escopo da Análise do Discurso, no Brasil, encontra José Horta Nunes. Em perspectiva de um funcionamento lexical e produção de dicionários na ligação com os processos históricos de significação, o autor considera “a lexicologia, enquanto estudo linguístico, a partir da distinção entre *língua e discurso*” (NUNES, 2006, p. 152, destaques do autor).

3. Funcionamento lexical

Posteriormente ao passeio histórico, tratarei do léxico, do le-xema, e da lexicologia voltados para o uso da linguagem em contexto jornalístico, como de revistas e jornais, ultimamente incluído em livros didáticos. Este contexto tende a nos mostrar a ocorrência natural da linguagem entre os falantes, as inovações atuais, como, por exemplo, em propagandas e na publicidade, em que já não se limita à estrutura de uma oração, ou de um período, ou de uma frase qualquer. Em se tratando de estrutura, a linguagem aparece, cada vez mais, distinta e diversificadamente, em corpo de oração ou apenas de uma palavra, em uma nova palavra, apresentada, às vezes, sob composição entre letras e números, entre duplicação de letras etc.

² Organização: volume I: Ana Maria Pinto Pires de Oliveira e Aparecida Negri Isquerdo, em 1998; volume II: Aparecida Negri Isquerdo e Maria da Graça Krieger, em 2004; volume III: Aparecida Negri Isquerdo e Ieda Maria Alves, em 2007; volume IV: Aparecida Negri Isquerdo e Maria José Finatto, em 2008.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Com isso, voltarei a Saussure³ para pensar sobre o signo e a possibilidade de um sistema semiológico⁴, portanto, pensar a semiologia.

De signo em signo para um novo signo.

Os signos são objetos naturais, específicos, e possuem forma material, forma física, na palavra. Talvez tenhamos aí uma herança saussuriana. A palavra como o objeto de pertencimento a lexicologia. Na palavra que melhor se revelam as formas gramaticais, as quais têm responsabilidade de oferecer mecanismos de possibilidades, de estruturação, proporcionando o léxico ter funcionamento. Funcionalidade, por exemplo, pela ocorrência de prefixos e sufixos poderem agregar radicais, oferecer novas formas fonológicas; locuções serem construídas com distintas classes gramaticais possibilitando novas ocorrências semânticas; novas estruturações sintáticas.

Por essas ocorrências temos o “valor”, que tanto Saussure batalhou cientificamente para construir no seu *Curso*. Valor das unidades linguísticas determinado pelas relações entre os signos, relações essas que constroem e põem em funcionalidade o léxico. Deve-se a isso o léxico ser de natureza social, assim, histórica.

³ Saussure, com *Cours de Linguistique Générale* (1916, 1ª edição), obra póstuma, traduzida 54 anos depois ao português, revolucionou os estudos linguísticos e projetou-se para além da linguística, influenciando a corrente estruturalista nas ciências humanas, notadamente a semiologia de Roland Barthes, a psicanálise de Lacan, a etnologia de Lévi-Strauss, a filosofia de Derrida e o marxismo de Althusser.

⁴ Do grego semeion, “signo”, “sintoma”. [...] Os estóicos empregam semeia no sentido de “signos naturais” e lhes atribuem um papel importante em sua teoria da proposição e do conhecimento. São talvez os primeiros a desenvolver uma “teoria geral do signo” que sobrepassa a *techné semeiotike* tradicional (Hipócrates) que nada mais é que uma arte médica de interpretar sintomas. Na Idade Média o interesse pelos signos foi muito vivo mas o termo semiótica não parece ter sido empregado. John Poincaré, no início do século XVII, publica o *Tractatus de Signis* que transmite à Idade Moderna a tradição escolástica. Foi Locke que introduziu o termo semeiotica para a doutrina dos signos, cuja tarefa era “considerar a natureza das origens que o espírito utiliza para representar as coisas ou transmitir seu conhecimento a outro”. Lambert dedica a metade de seu *Neues Organon* (1764) à *Semiotik* ou “Leher von der Bezeichnung der Gedanken und Dinge”, onde estuda, além da linguagem, muitos outros tipos de signos. Pela mediação de vários autores do século XIX, o termo, nesta acepção geral, foi transmitido ao século XX, onde a semiologia foi “inventada” de novo, independentemente por Ferdinand de Saussure e C. S. Peirce (SANTAELLA, 1983).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Levamos adiante a concepção saussuriana de valor. Para isso voltamos em seus postulados. Segundo Saussure (2006, p. 104) “na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos”. É a palavra em oposição à outra palavra, ou seja, uma palavra ser o que a outra não é, que se constitui o valor. Assim como o vínculo entre a ideia e o som é arbitrário, o léxico é relativo pelas peças gramaticais que possibilitam o seu corpo, a sua construção. “Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 2006, p. 133).

É neste sentido que Ferdinand de Saussure, ao definir a língua “como um sistema de signos que exprimem ideias”, comparou-a

à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos rituais simbólicos, às fórmulas de cortesia, aos sinais militares, etc. Ela é apenas o mais importante destes sistemas. Podemos, pois, conceber uma ciência que estuda a vida dos sinais dentro da vida social; ela constituiria uma parte da psicologia social e, por consequência, da psicologia geral; designá-la-emos por semiologia (do grego *seméion*, 'sinal'). Ela ensinar-nos-ia em que consistem os signos, quais as leis que os regem (SAUSSURE, CLG, p. 33).

A semiologia pressupõe, nomeadamente, as formas explícitas do simbolismo serem *significantes* associados a *significados* tácitos, obedecendo ao modelo das relações entre *som* e *sentido*, na língua. Nestas condições, para interpretar um símbolo, bastaria *decifrá-lo* e integrá-lo nos *sistemas simbólicos* duma cultura determinada, segundo a concepção de Claude Lévi-Strauss que estendeu o método da *antropologia estrutural* às regras matrimoniais, às relações econômicas, à arte, à ciência e à religião.

O projeto semiológico de Saussure é mais avante. Por isso, convém defini-lo, antes do mais: o *signo* no sentido saussuriano, não é uma coisa que se substituiu simplesmente a outra ou que está em lugar dela. É um elo e um traço de união entre ambas. “O signo linguístico une um conceito e uma imagem acústica”, diz ele, isto é, um *significado* e um *significante* (SAUSSURE, CLG, p. 98-99). Além disso, o signo apresenta dois caracteres essenciais, o *arbitrário* e a *linearidade* do *significante* (p. 100-3). Com efeito, os signos vocais da linguagem são produzidos e percebidos sucessivamente ao passo que, por exemplo, os sinais gráficos ou picturais são produzidos da

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

mesma maneira, mas, em contrapartida, podem ser percebidos globalmente ou numa ordem qualquer.

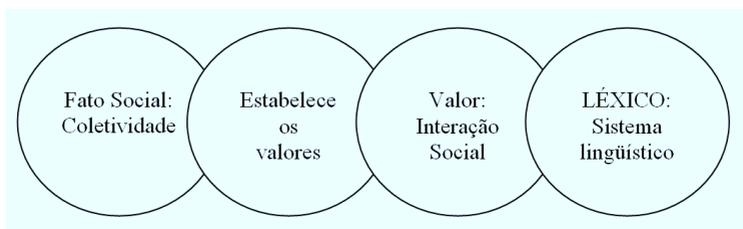
Além disso, os signos, no sentido saussuriano, não são abstrações; são *entidades concretas* estudadas pela linguística e que se opõem uma à outra no mecanismo da língua. Saussure concebe a língua não como uma *forma*, mas como uma *substância*. Ela não apresenta nenhum termo positivo, mas apenas diferenças. Daí esta definição muito clara: “aquilo que distingue um signo é aquilo que o constitui” (p. 168).

Nesse aspecto, muitos estudiosos se preocupam com o símbolo e tentam refletir a partir de Saussure. Para ele, os “signos completamente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do processo semiológico” e observa que

a palavra símbolo foi usada para designar o signo linguístico, ou mais exatamente, aquilo a que chamamos o significante. Há inconvenientes em admiti-lo, precisamente por causa do nosso primeiro princípio. O símbolo tem como característica nunca ser completamente arbitrário; não é vazio, há um rudimento de laço natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por outra coisa qualquer, um carro, por exemplo (SAUSSURE, p. 168).

Com isso, a noção saussuriana de “arbitrariedade” pode servir à lexicologia pela autonomia gramatical existente na construção do vocábulo propiciando as relações de experimento, de cada léxico poder construir-se, poder selecionar componentes gramaticais para significar-se, como um prefixo + radical; radical + sufixo; prefixo + radical + sufixo; verbo passar a substantivo, adjetivo para substantivo, participio se tornar substantivo ou adjetivo, derivação imprópria; ocorrência de derivação regressiva nominal ou regressiva verbal etc.

Essa relação, por conseguinte, depende da coletividade, da base social, pois a nova lexia construída depende da interação do sujeito com outro sujeito para estabelecer o valor dessa unidade lexical para o léxico tornar-se sistema linguístico. Veja o quadro esquemático a partir de Saussure (2006):



Quadro 1: O léxico no sistema linguístico: a formação, o uso e o funcionamento

Nesse experimento com a língua, na interação social, o sistema linguístico dá surgimento ao léxico. “Bora”, por exemplo, palavra em uso em regiões do norte, como em Belém. E “tchê” na região sul do Brasil, especificamente na região dos pampas, o Rio Grande do Sul, com a função de referencialidade, tendo o funcionamento de 2ª pessoa do singular “tu” e “você” ou com o funcionamento de vocativo: “Tchê, vamos ir à fazenda amanhã?”. Nesse contexto “o valor (...) constitui, sem dúvida, um elemento da significação” (Saussure, 2006, p. 133). A significação é o que faz a palavra⁵ uma palavra, um lexema, um léxico, como o produto da interação das forças sociais. A palavra revela-se no momento de sua expressão por determinado(s) sujeito(s), assim significando. Como efeito, a significação é inseparável da situação concreta em que se realiza. Inclusive pode ser diferente a cada vez, de acordo com a situação⁶.

Dessa forma, “para o estudo do léxico, entendemos que as sistematicidades linguísticas se estabelecem no espaço diferencial e relacional entre os elementos lexicais” e “o conjunto de relações que os elementos lexicais entretêm na língua é extremamente diversificado” (NUNES, 2006, p. 153). A partir dessa posição, em síntese, o que distingue um léxico é tudo o que constitui: a característica, o valor e a unidade.

Concordando com a concepção de Lorente (2004, p. 20) usada em suas aulas na *Universitat Pompeu Fabra*, em Barcelona, que o léxico realmente está situado na intersecção linguística que absorve informações providas de diversos caminhos: dos sons (fonética e

⁵ Nas ciências do léxico, a palavra é unidade significativa de articulação do discurso.

⁶ Ver exemplos na *lexicologia morfológica*, *lexicologia semântica* e *lexicologia discursiva*, na seção *Gramática & Léxico*.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso linguístico e das situações comunicativas (pragmática). Eu acrescentaria dos sentidos (discursivo). Não há unidade lexical sem que algum destes aspectos esteja presente, de modo que a variação que afeta as palavras também tem origem em algum destes componentes.

Aqui, neste texto, foco o léxico no funcionamento linguístico discursivo trabalhando pelas diferenças, oposições e relações que os seus elementos oferecem, de forma social. Nessa forma, os mecanismos lexicais funcionam em três categorias: a morfológica, a semântica e a discursiva. Em tais categorias⁷ que o léxico é articulado.

3.1. Gramática & léxico

A relação léxico e gramática se dá em vista da dinâmica lexical, das relações estruturais possibilitadas pelo usuário do sistema linguístico, ou seja, pelo sujeito. As relações provocam, no interior do sistema, mudanças lexicais relacionadas às transformações dos estados gramaticais. Por isso, não há estabilização nas relações e campos lexicais, devida a constante autonomia relativa da língua, a qual permite criações, modificações e transformações na rede léxica, isto é, no conjunto de lexemas, no vocabulário (conjunto de lexias, o lexema em uso) e na própria palavra em si (o lexema).

Nessa perspectiva teórica, o léxico é visto como um sistema aberto com permanente possibilidade de ampliação, e a gramática vista como fechada, como sistema lexicográfico, como um próprio sistema que apresenta a estrutura da língua contendo apenas elementos indispensáveis (BIDERMAN, 2001). Nela, enquanto objeto teórico e histórico, o funcionamento lexicológico ocorre pela norma – aquilo que na fala real (e na escrita) constitui repetição de modelos anteriores, o costume de falar e escrever de uma comunidade – e pelas violações da norma que são sempre permitidas pelo sistema, pelo próprio idioleto (características da fala de cada pessoa). Mesmo a norma sendo coercitiva e normativa, as violações, permitidas pelo sistema, possibilitam surgir novos e diferentes lexemas, uma vez que

⁷ Essas categorias estão explicitadas e exemplificadas a partir da página 17.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

o léxico – sistema aberto – permite ampliação pelas oposições funcionais do sistema assegurar o seu funcionamento.

Com isso, há uma nova relação entre norma e violação, a qual demonstra as transformações dos fatos lexicais, a desestabilização e a reorganização do funcionamento linguístico em se tratando da unidade significativa de articulação do discurso. O lexema tem outras significações nas relações sociais ao ser utilizado em determinado espaço, seja ele rural, urbano, publicitário, jurídico, médico, jornalístico, acadêmico etc.

Especificamente a gramática, objeto histórico e social, mesmo sendo o lugar da norma, oferece as peças para a estruturação de novos lexemas. Tais peças são as condições de criação do outro lexema, do novo lexema construído em uma comunidade de falantes, como, por exemplo, em uma determinada região do país. Essa é a constituição de significação do lexema, por ser consequência da imagem que o falante faz dessa palavra, isto é, a atribuição de sentido dependerá da carga imaginária de sentido atribuída pelo falante. Essa comunidade pode ser de crianças, de estudantes, de bancários, de trabalhadores em informática, de médicos, de especialistas em área específica do conhecimento, do povo, de índios, etc., ou de certo grupo, como veremos em exemplos da revista *Veja* e da empresa *Cacau Show*.

Diante disso, a gramática, na historiografia linguística, demonstra o percurso da antiguidade clássica, especificamente a da Grécia. Desde os gregos a palavra foi considerada como a unidade significativa de articulação do discurso. Biderman em seus trabalhos de 1978, resultado em *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*, baseada em *Morphology: An Introduction to the Theory of Wordstructure*, estudos publicados já no ano de 1974 por P. H. Mathews, menciona que para Dionísio da Trácia a sentença tinha “como seus elementos mínimos um conjunto de palavras [gramaticais]” (MATHEWS *apud* BIDERMAN, 2001, p. 99).

Todavia essa unidade léxica, a palavra, é vista na gramática de base grega. Como mostra Neves (2002, p. 18), a partir de estudos de Firth (1948, p. 394), a gramática, “linguagem sobre a linguagem”, é na história do pensamento grego que aparece “como busca do mecanismo interno à língua, como busca do sistema de regras respôsá-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

vel pelo cálculo das condições de produção de sentido”. Assim, a gramática se ligou à filologia, etimologicamente: “amor ao *lógos*”, “amor ao discurso”.

A disciplina gramatical aparece na época helenística, época em que se procurava, acima de tudo, transmitir o patrimônio literário grego das grandes obras do passado. Esse esforço, como aponta Neves:

Impulsiona o desenvolvimento dos conhecimentos linguísticos, já que implica o levantamento de fatos que, nos textos não corrompidos, caracterizam a língua modelar que deve ser preservada. É, pois, para servir à interpretação e à crítica que se compõe o que se vai qualificar como *gramática* (2002, p. 49).

Nesse contexto é surgido o termo *grammatiké*, cujo significado é a arte de ler e escrever, usado para dar nome ao estudo da língua, sido invocado para evidenciar a atenção precípua dada à forma escrita da língua. Na época helenística, a gramática como parte do estudo literário e linguístico característico, na direção prática; a poesia e a retórica tinham estabelecido um veio inicial de educação clássica que na época helenística, tomava sua forma mais acabada e característica, com a crítica literária e a filologia (NEVES, 2002, p. 49-50).

A gramática preside os estudos gramaticais caracterizando os dois centros da cultura helenística, Alexandria e Pérgano, respectivamente. São os alexandrinos que codificaram a gramática grega e lançaram, na verdade, o modelo da gramática ocidental tradicional. Diante disso, condicionada por sua finalidade prática, e não filosófica no aspecto da relação entre a linguagem e o pensamento, a gramática elege para exame:

Especialmente, a fonética e a morfologia, fixando-se nos fatos de manifestação depreensível, passíveis de organização em quadros concretos. Se considerada nesse estágio, a sintaxe teria fatalmente compromisso com a lógica, constituindo uma deriva das considerações filosóficas. Ela é, portanto, praticamente ignorada, não tendo lugar nessa nova disciplina, que, pelas condições de surgimento, só tem sentido se empírica (NEVES, 2002, p. 50-1).

Parafraseando a autora, nas investigações filosóficas, as partes do discurso tinham sido os objetos privilegiados. No entanto, procurando examinar fatos da língua, a gramática instaura com *classes de palavras* as partes do discurso. No estudo dos chamados *acessórios* (indicações de gênero, número, caso, tempo, modo, voz e pes-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

soa), encontra-se um terreno particularmente propício ao tratamento gramatical. Nesse sentido, a gramática alexandrina *Grammatiké* (Uhlig, 1ª edição em 1715), de Dionísio o Trácio, é considerada como representativa. Já o marco da consideração da *sintaxe*⁸ como ponto central da análise linguística, até então excluída, Apolônio Díscolo⁹ é figura especial na história das ideias gramaticais.

Segundo Neves (2002, p. 23), que lugar passou a ocupar a *arte da gramática* vista como obra para ensino e aprendizagem de modelos, aquela que nasceu para conduzir comportamentos verbais, aquela cujo usuário é um simples aprendiz de paradigmas? A partir desse questionamento a autora se posiciona:

Parece que a *Gramática*, como obra que oferece modelos para pautar determinados comportamentos verbais em línguas particulares, já não tem mais lugar e sentido: não existe mais uma determinada literatura, de um determinado período, que constitua modelo a ser perseguido; já não há um determinado momento em que se pode dizer que a literatura morreu, ou se esgotou; não existem situações culturais de vazio de criação que suscitem clamor por retorno. A criação se desenrola e, nas novas obras, o mecanismo vivo da língua inventa torneios, mescla registros, rompe padrões tradicionalmente assentados e por muitos tidos como imutáveis. Se obras escritas passam a exibir padrões que se podem classificar como de língua falada, por exemplo, a ciência linguística já nos ensinou a suspeitar da funcionalidade dessas incursões ou incorporações, e já aprendemos todos a incluir esses comportamentos como objeto de investigação linguística.

Consoante a ideia de Neves que “modelos para pautar determinados comportamentos verbais em línguas particulares, já não tem mais lugar e sentido”, é o momento de pensar a lexicologia em referência a sua funcionalidade no sistema linguístico, quais suas contribuições ao sujeito usuário da língua, qual a sua representatividade enquanto pertencente à linguística.

Assim, verei a lexicologia, em aspectos de gramática, basicamente com três funções principais ou primárias: a morfológica

⁸ Para Apolônio Díscolo, em seu livro *Da Sintaxe*, a sintaxe é considerada de dois níveis: o do conteúdo e o da forma, constituindo o conjunto de regras que regem a síntese dos elementos, sob o princípio básico de que a língua é uma série de elementos relacionados (NEVES, 2002, p. 70).

⁹ Cerca de duzentos anos separam Apolônio Díscolo de Dionísio o Trácio (NEVES, 2002, p. 70).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

(com possibilidade de aspectos fonológico-fonéticos, morfofonológicos e morfossintáticos *no nível da palavra*), a semântica (aspecto semântico *no nível da palavra*) e a discursiva (com possibilidade de aspectos semântico, sintático e pragmático *no nível do enunciado*). Essas funções e aspectos mostram a tendência de flexibilidade de categorias e a sensibilidade da gramática, isso pelas atitudes do sujeito falante¹⁰.

3.1.1. Lexicologia morfológica

É baseada na noção estruturalista de *morfema* que sistematiza a segmentação de palavras construídas e permite o estabelecimento de algumas generalizações. Também as regras derivacionais e flexionais da morfologia que descrevem relações formais e semânticas entre as palavras. A lexicologia morfológica apresenta possibilidade de aspectos fonológico-fonéticos, morfofonológicos, sintáticos e morfossintáticos *no nível da palavra*. Alguns exemplos determinam a criação de uma nova estrutura morfológica. Vejamos exemplos:

1) Neologismo: elemento resultante do processo de criação lexical, a unidade léxica que é sentida como nova pela comunidade linguística. O resultado da operação linguística inédita, ou seja, a unidade nova capaz de ocupar espaço no léxico, introduzindo-se no uso corrente da língua. A neologia permite ver as relações, entre tantas, com a morfologia e a sintaxe. Essas relações permitem perceber quais os processos de formação de palavras mais empregados, como o caso da sufixação e da prefixação. Também a permissão da conversão de classes de palavras por meio de uma unidade lexical passar a ser empregada em outra classe, em funcionamento sintático.

¹⁰ Lembrar, nesse momento, que o falante apresenta a ocorrência e a construção de novos lexemas. É no sujeito visto o fato lexical como fato social. Nesse sentido a funcionalidade da lexicologia.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

*1.1 Substantivo + adjetivo já*¹¹:

- a) Aureliano-já (*Veja*, 18-04-1984: 42, c.1);
- b) conversa-já (*Folha de S. Paulo*, 29-04-1984: 2, c. 2);
- c) pleito direto-já (*Folha de S. Paulo*, 24-04-1984: 2, c. 3);
- d) negociações-já (*Folha de S. Paulo*, 24-04-1984: 5, c. 1);
- e) renúncia-já (*Folha de S. Paulo*, 04-05-1985: 5, c. 4);
- f) cassação-já (*Folha de S. Paulo*, 04-04-2003: 2, c. 3);
- g) mudança-já (*Folha de S. Paulo*, 06-06-2003: A6, c. 4-5).

*1.2 Substantivo + substantivo gate*¹²:

- a) asiagate (*Folha de S. Paulo*, 22-12-1996: 1-20, c. 1-2);
- b) yomagate (*Isto É*, 14-07-1999: 110, c. 1);
- c) mogigate (*Folha de S. Paulo*, 06-06-1986: 5, c. 1);
- d) frangogate (*Folha de S. Paulo*, 28-09-1997: 1.8, c. 4);
- e) collorgate (*O Globo*, 02-05-1999: 2, c. 4);
- f) Bahiagate (*Folha de S. Paulo*, 06-03-2003: A7, c. 1-2-3).

Conforme Alves (2004, p. 83), o escândalo *Watergate* assim como o fato histórico brasileiro das *Diretas-já* determina, assim, o emprego de *-gate* e de *-já* em formações às quais imprime determinados significados, seja de “escândalo ligado a corrupção”, seja de “democracia, participação, etc.”. O uso reiterado de *-gate* e de *-já*, até os dias atuais, leva-nos a considerá-los substantivo e adjetivo que sofreram o processo de gramaticalização, tornando-se formantes sufixais que passaram a integrar o sistema afixal do português brasileiro.

3.1.2. Lexicologia semântica

É baseada nas categorias utilizadas na gramática tradicional (substantivo, verbo, adjetivo, etc.) como os traços mínimos de categorização (N – nome, V – verbo) partilham a condição de serem operadores abstratos para a classificação das unidades lexicais, de acordo com o seu funcionamento estrutural ou conteúdo semântico associado. A lexicologia semântica apresenta aspecto semântico *no nível da palavra*. As relações são estabelecidas por meio de um novo sig-

¹¹ Trabalho de Ieda Maria Alves “A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico”, 2004. A autora apoiou-se em dois fatos históricos: a *Campanha Diretas-já*, na História do Brasil, e o escândalo *Watergate*, na História dos Estados Unidos.

¹² O substantivo *-gate*, que compõe *Watergate*, passa a ser usado em inúmeras formações, não somente em inglês, mas também nas línguas românicas (*idem*, p. 83).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

nificado a um significante que já existe no sistema linguístico. Vejamos exemplos:

1) Sinonímia, Hiperonímia e Hiperonímia: a escolha de um tema ou de assunto específico sobre o qual falamos depende da seleção lexical que fazemos, seja para falar ou para escrever. Para que sejamos compreendidos pelos leitores ou ouvintes, é fundamental que mantenhamos relação lexical de sinônimos, hipônimos e hiperônimos. Para isso, selecionadas palavras e expressões que se mantenham no mesmo campo semântico do tema é importante, assim sendo feita a recorrência do léxico para remeter ao tema ou ao assunto específico¹³. Os léxicos (ou as palavras-chave) do tema podem ser retomados ao longo do texto ou da fala por meio de diferentes recursos de linguagem, como: repetição do léxico (da palavra-chave); sinônimos; antônimos; hipônimos e hiperônimos; pronomes pessoais, demonstrativos, relativos, possessivos.

Exemplo: Texto 1

- 01.** Toda nudez será coberta
- 02.** Juíza proíbe minissaias no fórum do Rio
- 03.** E abre uma polémica sobre como se vestir
- 04.** Numa cidade onde tem praia e faz calor

05. Quantos centímetros de pano fazem a dignidade da justiça? Na semana passada, essa questão se **06.**tornou crucial no fórum do Rio de Janeiro. Por determinação da juíza Helena Belc Klausner, 59 anos, **07.**desde sexta-feira as mulheres que frequentam os corredores e as salas de julgamento do Palácio da **08.**Justiça estão proibidas de usar minissaias, shortinhos, bustiês ou qualquer peça que deixe pernas e **09.**barriguinhas de fora. "Aqui não é lugar para usar roupas que exibam o corpo", explicou a juíza. "As **10.**pessoas não podem vir ao fórum como vão à praia". (...)

11.A decisão chamaria a atenção em vários lugares do mundo. No Rio de Janeiro, foi um pandemônio. **12.**Durante a semana, a proibição tornou-se tema de debate nas emissoras de rádio, reportagens nos **13.**jornais e assunto de mesa de bar. É evidente que o fórum não é a areia da Praia da Ipanema. Ocorre **14.**que o Rio de Janeiro é uma cidade onde a temperatura chega facilmente a 40 graus no verão e a **15.**proximidade da praia faz com que as pessoas se vistam de forma mais despojada que nas outras **16.**regiões do país. Além disso, descobriu-se que, por trás da proibição, se esconde uma curiosa guerra **17.**dos sexos no tribunal.

- 18.** Em louvor da miniblusa.

Nesse texto 1, ao campo semântico de *nudez*, podem-se relacionar palavras como: pernas, barriguinhas, corpo, praia, despojada, miniblusa. Essas palavras são sinônimos e hipônimos do hiperônimo

¹³ Pilar (2006) diria recorrência a palavras-chave.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

nudez. A funcionalidade semântica é justamente no nível da palavra, ou seja, são palavras que têm sentido em relação a palavra de sentido mais amplo. As palavras auxiliam a designar, delimitar, significar o campo semântico. O conjunto dessas palavras forma o campo lexical que está associado a roupa, a nudez etc. As palavras, ao longo de um texto ou de uma conversa, mantêm relações entre si (de oposição, de sinonímia, de associação, etc.) que acabam por formar redes lexicais, ajudando a concretizar o tema e a manter a coerência.

3.1.3. Lexicologia discursiva

É baseada na história das unidades e dos campos lexicais no contexto, nas transformações de sentido, remetendo esses fatos a suas condições históricas de produção, emergidas, geralmente, em um texto. A lexicologia discursiva apresenta possibilidade de aspectos semântico, sintático e pragmático *nos níveis do enunciado*.

1) Lexemas:

Exemplo 1:



Exemplo 2:



Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Nessas capas de *Veja*, a exploração das imagens estabelecem uma rede de significação que “não se restringe a um gesto de mero destaque de uma palavra, mas joga com o significado histórico-cultural que a própria imagem de uma letra pode resguardar” (Curcino, 2006, p. 139). Nos exemplos 1 e 2, a palavra LULA é significada, é instaurada de sentidos. Essa eclosão vem pela letra ‘L’, no primeiro exemplo acrescentando à palavra “lua”, em “lula-de-mel”; já no segundo caso, a letra é duplicada no substantivo próprio “Lula”, em “Lulla”. Essa letra “L” vem a corresponder a uma lexicologia discursiva, marcada pragmático, semântico e sintaticamente. Esses aspectos se cruzam, e, portanto, produzem efeitos de sentido.

No exemplo 1, *Veja* (8/1/2003) humoriza “lula-de-mel” com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, como uma lua-de-mel (estreia) à República Federativa do Brasil, ao Congresso Nacional. No exemplo 2, *Veja* (10/8/2005) traz duas letras ‘L’, empregadas do sobrenome Collor, atualizadas no nome de Lula. Isso como uma possível “semelhança entre essas personalidades políticas, entre a situação de seus governos”. Os sentidos são de situações parecidas vivenciadas por Collor e Lula. “Lula está em uma situação que já lembra a agonia da era Collor” (CURCINO, *idem*).

Exemplo 3:



(Outdoor da *Cacau Show* em uma Avenida, entre as ruas 3 e 4, da cidade de Araraquara, São Paulo, no mês de março de 2009)

Neste outdoor do *Cacau Show*, o enunciado *O recheio do peru está morrendo de inveja* significa em relação à trufa (imagem) e ao peru (palavra enunciada). Assim, a lexicologia funciona pelas relações discursivas entre os dois produtos: *peru* e *trufa*. O efeito de sentido instaurado é que a trufa está bem recheada, no caso de cho-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

colate, em que fará inveja ao peru, ao seu recheio, em diversas situações de consumo.

O aspecto pragmático pela circulação da linguagem das palavras no enunciado deste outdoor, resulta no funcionamento da lexicologia discursiva que se dará na articulação de sentidos no enunciado publicitário; o aspecto semântico pelas possibilidades de sentido nas duas palavras; e, por fim, o aspecto sintático dado pela construção sintática das palavras no enunciado.

4. Considerações finais

Dessa forma, a lexicologia é considerada enquanto estudo linguístico, e o léxico como um sistema de possibilidades semiológicas aberto a criações e inovações à língua. Nesse sentido, as unidades lexicais só são construídas frente a redes de relações primeiramente morfológicas e, em seguida, semânticas, dando suporte à sintaxe. Para isso, é indispensável à relação sujeito e história para a constituição e o funcionamento do léxico por um simples aspecto: quem possibilita a língua estar sempre viva, funcionando, é o sujeito em funcionalidade, em atividade, em pleno uso, exposto a construção da linguagem e do sentido.

Por uma não equilíbrio do sistema da língua, a palavra e/ou a imagem, o signo, vivo e dinâmico, oferece à lexicologia possibilidades lexicais. Pelos conflitos no interior de um mesmo sistema é que há a abertura de possibilidades vocabulares, construções morfológicas, semânticas, sintáticas, pragmáticas, morfossintáticas, morfofonológicas, enfim, discursivas. Nessa dinâmica, a vitória é da própria língua visto que ela está em funcionamento aberta ao novo, a plurissignificância, como base nas construções lexicais, nas suas funcionalidades.

Em consequência, a língua faz História, registra-se e funciona na sua inscrição. A mobilidade da língua, especificamente, o signo linguístico, é o que torna vivaz e móvel o léxico. Essa pluralidade é devidamente pela não imobilidade morfológica. Pela flexibilidade de construções o léxico funciona. O sujeito o faz funcionar pela circulação de inovações realizadas nas necessidades de comunicação, tanto orais, imagéticas, quanto escritas. Portanto, o léxico é de natureza

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

social, sem dúvidas. O fato lexical é um fato social por estar sempre sujeito às forças sociais que permeiam as relações (des)construídas.

Verdade ser preciso

...admitir (...) a possibilidade de revirar um dia a proposição de Saussure: a linguística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência geral dos signos; a semiologia é que é uma parte da linguística; mais precisamente, a parte que se encarregaria das grandes unidades significantes do discurso. Daí surgiria a unidade das pesquisas levadas a efeito (...) em antropologia, sociologia, psicanálise e estilística acerca do conceito de significação (BARTHES, 1988, p. 67)

E, sobretudo, a significação da língua se encontra em que patamar no ensino brasileiro? Afinal, que “rumo” as aulas de Língua Portuguesa se encontram? Como a gramática ainda é trabalhada? Diante das perguntas, as respostas são possíveis uma vez pensadas nas heranças deixadas por Ferdinand de Saussure, suas indagações e inquietações sobre a língua, e na árdua tarefa deixada por Barthes, vista neste excerto final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, A. N. & KRIEGER, M. da G. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. II. Campo Grande: UFMS, 2004, p. 77-87.

BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1988.

BENVENISTE, E. Structure de la langue et structure de la société. In: _____. *Linguaggi nella società e nella tecnica*. Milão: Edizioni di comunità, p. 17-28, 1970.

BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAMPOS, Paulo Mendes. Continho. In: _____. *Supermercado*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1976, p. 53.

CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: *Studies on Semantics in Generative Grammar*. Le Hague: Mouton, 1972.

_____. *Syntactic Structures*. Le Hague: Mouton, 1957.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

CURCINO FERREIRA, Luzmara. *Práticas de leitura contemporâneas: Representações discursivas do leitor inscritas na revista Veja*. 2006. 337f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

DUBOIS, J. Lexicologia e análise de enunciado. In: ORLANDI, E. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Unicamp, 1993.

LORENTE, Mercè. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. Tradução de Candice Duarte Schreiber e Juliana dos Santos Padilha. In: ISQUERDO, A. N. & KRIEGER, M. da G. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. II. Campo Grade: UFMS, 2004, p. 19-30.

NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NUNES, José Horta. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mônica. *Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase*. Campinas: Pontes, 2006, p. 147-173.

PILAR, J. *A redação de vestibular: um apanhado sobre o texto satisfatório*. 2. ed. Santa Maria: Pallotti, 2006.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VEJA. Edição 1784, São Paulo: Editora Abril, 08 de janeiro de 2003.

VEJA. Edição 1917, São Paulo: Editora Abril, 10 de agosto de 2005.